



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9372 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL EM CRIANÇAS NEGRAS:
RELAÇÕES ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS EM UMA CRECHE DE UMA
COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS**

Silvia Helena Vieira Cruz - FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

Pedro Neto Oliveira de Aquino - UFC - Universidade Federal do Ceará

**A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL EM CRIANÇAS NEGRAS:
RELAÇÕES ENTRE PROFESSORA E CRIANÇAS EM UMA CRECHE DE UMA
COMUNIDADE DE REMANESCENTES QUILOMBOLAS**

RESUMO

O artigo trata das relações entre professora e crianças numa creche de uma comunidade remanescente de quilombolas, no Ceará, a partir da discussão sobre identidade e pertencimento na Educação Infantil, evidenciando as interseções entre essas dimensões e as relações étnico-raciais. Participaram do estudo quinze crianças de três a quatro anos de idade, majoritariamente negras, e a professora do grupo. Os dados foram construídos por meio de observações, registradas por escritos e fotografias. A análise indica que a professora não levava em consideração o pertencimento étnico-racial das crianças na sua prática pedagógica, não sendo presenciadas ações que colaborassem na valorização desse pertencimento e que contribuíssem positivamente no processo de construção da identidade desses sujeitos.

Palavras-chave: Crianças bem pequenas; Relações étnico-raciais; identidade étnico-racial.

Introdução

As Instituições de Educação Infantil são, juntamente com outras instituições sociais, espaços nos quais as crianças se tornam sujeitos culturais, mediante as interações com as outras crianças, com os adultos e com os artefatos e símbolos dessa cultura. As práticas cotidianas em creches e pré-escolas expressam os modos como a cultura medeia as formas de relação da criança consigo mesma e são constitutivos dos seus processos de construção de identidade. Esse processo acontece no convívio e interação entre as pessoas, edificando um caminho de paulatina individuação, extremamente complexo, com movimentos tanto de identificação com o outro como de separação e de diferenciação do outro, reforçando

singularidades (WALLON, 1986, 2007).

A formação da consciência de si está integrada à consciência de pertencer a um grupo, que assume características que são passadas de geração para geração. Diferentes línguas, crenças religiosas e instituições políticas tornaram-se parte de uma bagagem étnica, e as crianças se apropriam e reinventam essa herança (BENTO, 2012). Nesse sentido, elas se inserem e se apropriam de uma cultura, tornando-se sujeitos individuais e coletivos.

A partir desses conhecimentos, pesquisadores têm elegido contextos de Educação Infantil como *lôcus* de investigações que buscam compreender os fatores implicados no processo de construção da identidade étnico-racial em crianças negras. Em especial, alguns estudos se interessam por contextos não urbanos, por exemplo, o quilombola, constituído por uma maioria negra, no qual, hipoteticamente, o racismo não se faz tão presente. Nessa vertente, Macêdo (2008) e Paula (2014) constataram discussões superficiais sobre esses grupos ou mesmo a invisibilidade do seu patrimônio, ou seja, o silenciamento das influências desses territórios para o processo de conhecimento de si e do grupo por parte das crianças negras e camponesas.

No contexto dessas preocupações, questiona-se que elementos perpassam a construção da identidade étnico-racial de crianças negras bem pequenas remanescentes de quilombolas que frequentam a creche na própria comunidade. O presente trabalho traz algumas contribuições baseadas em uma pesquisa que investigou o processo de socialização e de construção da identidade étnico-racial no contexto anunciado acima, enfocando a análise das relações entre a professora e as crianças.

Abordagem e contextualização da investigação

Esta pesquisa subsidia-se na abordagem qualitativa, na qual os sujeitos são compreendidos com base no contexto no qual estão inseridos e a partir do seu próprio referencial; o objeto do estudo é investigado em seu processo de desenvolvimento e interessa ao pesquisador o ambiente natural – principal fonte de construção de dados (ANDRÉ; LÜDKE, 1986).

A presente pesquisa teve como *lôcus* de investigação o Centro de Educação Infantil municipal Luíza Mahin^[1], localizado no interior de uma comunidade de remanescentes de quilombolas da região metropolitana de Fortaleza (Ceará). Participaram da pesquisa 15 crianças de três e quatro anos pertencentes ao agrupamento denominado Infantil III e a professora da referida turma, Nedina^[2]. Uma característica desses sujeitos é a predominância de negros (pretos e pardos), caso da professora e da grande maioria da turma, segundo a atribuição do pertencimento étnico-racial feita pelos pesquisadores. Foram realizadas oito observações de turnos inteiros, isto é, iniciadas na chegada das crianças e encerradas quando elas saíam da escola. A produção de registros foi realizada por anotações escritas e fotografias.

As relações entre a professora e as crianças da turma Infantil III

Durante o período observado, a professora Nedina manteve um bom relacionamento com as crianças, sendo, de maneira geral, atenciosa e carinhosa com todas elas. Para melhor compreender elementos presentes na sua relação com as crianças negras, serão relatados e discutidos alguns episódios presenciados, envolvendo as crianças Inácio e Nízia, ambos

pretos.

No início das observações, foi percebido uma relação de aparente colaboração entre a professora e Inácio, uma das crianças mais participativas da turma. No entanto, a professora parecia se aproveitar dessa maior disponibilidade e até certa submissão do menino, pois exigia mais dele e solicitava mais a sua contribuição que das demais crianças. Esse tratamento claramente desigual era percebido, por exemplo, ao comparar a relação da professora com Aguiar, menino branco muito inquieto, com quem ela frequentemente se mostrava permissiva: caso do dia em que ela, ao mesmo tempo em que cedeu aos caprichos de Aguiar e trocou a cadeira de uma menina com ele, mandou rispidamente Inácio se sentar, sendo que outras crianças também estavam em pé.

Depois de alguns dias, houve uma mudança muito evidente e significativa: Inácio não se envolvia mais com as propostas da professora; pelo contrário, se transformou num companheiro de peripécias de Aguiar e passava longos períodos correndo e pulando na sala de referência. Nesse novo estágio, a docente poucas vezes dava ordens ao menino e administrava as novas atitudes dele com exagerada condescendência.

É importante tentar identificar que elementos podem ter influenciado as relações da docente com esse menino e as consequências disso para a construção da identidade dele. Possivelmente o pertencimento étnico-racial de Inácio é um desses elementos, tendo em vista que a criança com a qual a professora era mais complacente era branca e, em nossa cultura, ainda persiste a imagem da criança negra como sujeito a ser controlado, por ser possuidora de uma natureza “ruim”, como, por exemplo, foi constatado por Oliveira (2004): as professoras da creche pesquisada atribuíam características negativas principalmente aos meninos negros, denominando-os de “danados”, “furacões” e outras palavras que expressam desvios do sujeito civilizado.

Nesse primeiro momento, a conduta submissa de Inácio também parece ter sido um fator importante para o maior controle das suas ações pela professora, pois quando o menino começou a se comportar de forma semelhante à Aguiar, ele também passou a ser tratado pela docente de forma indulgente.

Trata-se de um processo complexo sobre o qual não há informações necessárias para a sua maior compreensão. No entanto, as diferentes formas da professora tratar o garoto provavelmente interferiram na constituição da sua identidade. Assim, é possível aventar a hipótese de que a professora frustrou a expectativa dele de, com o seu esforço, angariar a admiração dela e a sua própria, pois, na perspectiva walloniana, há um momento da construção da identidade no qual “a criança só pode agradar a si mesma se tiver a sensação de poder agradar aos outros, só se admira caso acredite ser admirada” (WALLON, 2007, p. 187). Inácio provavelmente percebia a evidente complacência da professora em relação a Aguiar e é possível também supor que ele tenha relacionado isso ao fato de o colega ser branco; assim, associar-se a essa criança branca no descumprimento das regras estabelecidas pode ter surgido como uma possibilidade de também receber o mesmo tratamento, não ser molestado. Se essa conjectura corresponder, mesmo que em parte, ao pensamento e desejos de Inácio, pode-se presumir que ele tenha construído uma certa valorização do pertencimento étnico-racial: negros, mesmo submissos, não são apreciados.

Nízia, uma das meninas pretas da turma, passou a compor o agrupamento investigado já na metade da pesquisa de campo. Ela foi transferida do turno da tarde para o da manhã. De início, manifestava-se muito retraída nos momentos em grupo, mas se integrou progressivamente, passando a interagir por iniciativa própria com as outras crianças e com o pesquisador. Foi em relação aos contatos que a menina estabelecia com o investigador que a atuação da professora sobre ela foi mais significativa para o presente estudo, pois era bastante

evidente que ela procurava monitorar ou evitar tais contatos. Assim, nos momentos em que a criança se aproximava do pesquisador, a professora dirigia maior atenção a ela ou a ele, como forma de se manter próxima dos dois, ou então, procurava atrair a menina para alguma brincadeira com grupos de crianças ou com materiais ofertados por ela, como exemplificado no seguinte registro de campo:

Nízia continua na mesa na qual estou e percebo que Nedina nos olha. Em seguida, ela oferece um material para a menina ir brincar na sua própria mesa (NOTAS DE CAMPO).

Durante o período de realização da pesquisa de campo, essa preocupação de Nedina de distanciar crianças de alguém específico não foi observada com outros sujeitos, apenas com o pesquisador e Nízia. Esse comportamento da professora causava estranheza, uma vez que a docente tinha conhecimento do tema e dos objetivos da pesquisa (informados no primeiro contato) e considerava que essa menina era a que mais se aproximava da representação social de uma pessoa “negra remanescente de quilombolas”, o que colocaria essa criança no foco das observações e das análises, ocupando um lugar central na pesquisa. Essa percepção foi reforçada pela fala da professora, certo dia, ao passar pela menina e o pesquisador: “Nízia quilombola!”. Como essa criança costumava usar roupas muito curtas e justas, é possível aventar a hipótese de que a professora tivesse receio de que acontecesse algum comportamento inadequado do pesquisador, um homem – risco que parecia não estar presente no contado deste com outras meninas da turma.

É importante também refletir acerca do significado da fala da professora (“Nízia quilombola!”) quanto ao seu reconhecimento das crianças com as quais trabalhava, mais especificamente, como ela reconhecia as crianças que eram negras e remanescentes de quilombolas. O emprego da denominação “quilombola” apenas à Nízia pode ter ocorrido pelo maior compartilhamento de características da menina com as pessoas mais velhas da comunidade, ou seja, com sujeitos que mais estão pareados com o estereótipo de “quilombola”. A menina possuía muitos traços fenotípicos divulgados como constituidores do indivíduo negro campesino, como ser preta, ter porte físico avantajado, a testa e nariz largos, o cabelo crespo etc. E as outras crianças negras do agrupamento, de tez clara e moradoras da comunidade durante toda a vida? Não seriam também remanescentes de quilombolas? Se a hipótese de que a professora considerava somente como negras as crianças de tez escura estiver correta, para ela a turma era constituída predominantemente por crianças brancas, já que a maioria delas tinha a tez clara.

O aparente não reconhecimento da professora das crianças pardas como negras e integrantes da comunidade remanescente de quilombolas pode espelhar o seu próprio não reconhecimento como negra. Apesar da docente manifestar interesse pela temática da construção da identidade étnico-racial na infância e pelo combate ao preconceito e a discriminação, essas questões nunca se fizeram presentes nas práticas desenvolvidas com as crianças e não foi percebido nenhuma vinculação ou proximidade dela com a temática pelo fato de ser negra. A dimensão política do objeto em análise indica que o não reconhecimento étnico-racial da professora Nedina e a ausência de mensagens suas que expressem orgulho racial e étnico negro pode implicar negativamente na construção da identidade das crianças quanto ao seu grupo de pertença.

Considerações finais

Em nenhuma das práticas promovidas pela professora durante o período de observação foi constatado a valorização do pertencimento étnico-racial das crianças ao grupo e à comunidade remanescente de quilombolas como um dos aspectos relacionados à centralidade que o planejamento deve ter nas crianças. Embora a professora Nedina fosse, de maneira geral, acolhedora com todas as crianças (negras e brancas), ela não promovia experiências que favorecessem uma percepção positiva delas como meninas e meninos negros remanescentes de quilombolas. Além disso, as relações relativas a um menino e uma menina pretos trouxeram alguns elementos que podem contribuir para a compreensão de peculiaridades do papel da docente na construção da identidade dessas crianças.

É necessário problematizar e entender mais a invisibilidade sofrida por esse grupo étnico-racial no contexto de educação formal das crianças (MACÊDO, 2008; PAULA, 2014). A presente pesquisa indicou que, mesmo numa creche de uma comunidade de remanescentes quilombolas, essa invisibilidade e atitudes equivocadas podem fragilizar o sentimento de pertença e de orgulho racial e étnico negro e quilombola, parte importante da construção da identidade dessas crianças.

Referências bibliográficas

ANDRÉ, M. E. D. A. de.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: E.P.U., 1986.

MACÊDO, D. de J. S. **O currículo escolar e a construção da identidade étnico-racial da criança e do adolescente quilombola: um olhar reflexivo sobre a auto-estima**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2008.

PAULA, E. de. **“VEM BRINCAR NA RUA!” Entre o Quilombo e a Educação Infantil: capturando expressões, experiências e conflitos de crianças quilombolas no entremeio desses contextos**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

OLIVEIRA, F. de. **Um estudo sobre a creche: o que as práticas pedagógicas produzem e revelam sobre a questão racial?** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança**. São Paulo: Nova Alexandria, 1986.

_____. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[1] O nome da instituição é fictício, sendo uma homenagem à Luíza Mahin, mulher negra, com forte atuação nas lutas abolicionistas no século XIX.

[2] Os nomes dos participantes da pesquisa (crianças e professora) também são fictícios, resguardando o direito desses sujeitos ao anonimato.